

A RESPONSABILIDADE ENUNCIATIVA EM UMA CARTA-RESPOSTA DE MR. MILES

Natalie Nara Mastrangi Goes¹

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de análise a carta-resposta do dia 04 de Abril de 2014 do caderno de viagem do jornal *O Estado de S. Paulo*, especialmente a coluna de Mr. Miles – o homem mais viajado do mundo, e como objetivo refletir sobre aspectos enunciativos da cortesia que são constitutivos a esse artigo especialmente em suas marcas linguísticas, as quais refletem as tomadas de posição e as relações de poder expostas em suas respostas ao leitor da coluna. O discurso é desenvolvido de forma que o Mr. Miles deixa marcas de atenuação de hierarquia em seus enunciados, marcas que aproximam enunciadador e coenunciador por meio de expressões idiomáticas da língua inglesa e por marcas linguísticas da subjetividade. Para esta análise, partimos do pressuposto de que a responsabilidade enunciativa é a forma como cada indivíduo expressa linguisticamente a maneira como ele apreende a realidade que o cerca ao marcar uma intencionalidade.

PALAVRAS-CHAVE

Responsabilidade enunciativa; Enunciados; Cortesia.

ABSTRACT

This work aims to analyze the reply letters of April 4th, 2014 from the Travel column newspaper O Estado de S. Paulo, specially Mr. Miles' column - the most traveled man in the world and aim to reflect on enunciative aspects of courtesy that are constitutive to this article especially in their language brands, which reflect the positions and power relations exposed

1 Goes. N. N. M. 2015. Mestranda no curso de Linguística na Universidade Cruzeiro do Sul na linha de pesquisa da Análise do Discurso. Professora da FAAT – Faculdades Atibaia. E-mal: natalie_goes@hotmail.com

in their responses to the column. The speech is designed so that Mr. Miles leaves hierarchy attenuation marks on their statements by approaching enunciator and coenunciator through idioms of English language and trademarks of subjectivity. For this analysis, we assume that the enunciative responsibility is how each individual expresses linguistically the way to grasp the reality that surrounds to make it intentionality.

KEY WORDS

Enunciative responsibility; Statements; Courtesy.

INTRODUÇÃO

Com o presente trabalho, busca-se refletir sobre aspectos enunciativos da cortesia que são constitutivos em uma carta-resposta publicada no dia 04 de Abril de 2014, inserida no jornal O Estado de S. Paulo, a qual está anexa, em uma publicação de um caderno sobre Turismo denominado Caderno de viagem, no qual é publicado semanalmente uma coluna intitulada “Mr. Miles, o homem mais viajado do mundo”. Neste artigo, o enunciador responde a cartas de leitores e dá dicas de viagens utilizando diversas expressões idiomáticas da língua inglesa para interagir com seus leitores e dessa maneira permear o discurso com a modalidade da cortesia inserida em seus enunciados. O trabalho visa, especialmente, a analisar marcas linguísticas, que refletem as tomadas de posição e as relações de poder expostas sob a forma de respostas ao leitor da coluna. Assim, interessa-nos analisar a cortesia, mais precisamente a polidez e sua responsabilidade enunciativa.

Responsabilidade Enunciativa

A Responsabilidade Enunciativa de Mr. Miles

Para vários linguistas, a noção de responsabilidade enunciativa não é consensual, pois é compreendido por muitos autores que toda enunciação supõe responsabilidade enunciativa

do enunciado por um enunciador. No entanto, para RABATEL² (2008 a, p. 21.)

“O sujeito responsável pela referenciação do objeto exprime seu ponto de vista tanto diretamente, por comentários explícitos, como indiretamente, pela referenciação, ou seja, através de seleção, combinação, atualização do material linguístico”.

Por seu turno, Adam³ (2008, pg. 72) compreende que a representação discursiva é a representação de um ponto de vista, de relações já pré-estabelecidas entre os enunciados em uma determinada atividade enunciativa. Desta maneira, todas as ações que foram previamente citadas são conectadas por um ponto de vista, marcado por introdutores na maior parte do tempo. Entretanto, alguns enunciados nem sempre são assumidos pelo locutor.

Ainda, Adam⁴ (2008, pg. 88) entende que:

“toda proposição compreende dimensões complementares às quais se acrescenta o fato de que não existe enunciado isolado: mesmo aparecendo isolado, um enunciado elementar liga-se a um ou a vários outros e/ou convoca um ou vários outros em resposta ou como simples continuação”.

Portanto, compreendemos que o âmbito da enunciação se encarrega de representar o conteúdo, permitindo que haja uma gama argumentativa maior que potencializará seu enunciado.

Adam⁴ (2008, p. 117) ainda instiga dizendo que “O grau de responsabilidade enunciativa de uma proposição é suscetível de ser marcado por um grande número de unidade da língua”. Ele põe em ordem as maiores categorias, entretanto, cita a descrição

2 RABATEL; A. *Prise en charge et imputation, ou la prise en charge à responsabilité limitée*. Langue Française, n. 162.

3 ADAM, Jean-Michel. *A linguística textual: introdução à análise dos discursos*. São Paulo: Cortez,

4 ADAM, Jean-Michel. *A linguística textual: introdução à análise dos discursos*. São Paulo: Cortez.

do que Benveniste⁵ (2008, p. 79-88) nomeava de “aparelho formal de enunciação”. Tais categorias são: os índices de pessoas; os dêiticos espaciais e temporais; os tempos verbais; as modalidades; os diferentes tipos de representação da fala; as indicações de quadros mediadores; os fenômenos de modalização autonímica e as indicações de um suporte de percepções e de pensamentos relatados.

Ao fazer uma leitura é comum e necessário participar de um processo de construção de significados contidos em um texto, seja um artigo jornalístico ou informe circular. Quaisquer que sejam os textos a serem trabalhados, eles participam do processo de interatividade constitutiva, pois requerem acesso ao conhecimento prévio do leitor, pois este participará de uma forma um tanto dialógica no processo da leitura. Mas para que seja possível identificar tal interatividade, deve-se partir de uma responsabilidade enunciativa.

No decorrer de qualquer leitura, é possível perceber marcas em seus enunciados que sustentam os processos de significação construídos dos textos, e que refletirão uma tomada de posição. De acordo com Maingueneau⁶ (2010, p. 56), entende-se que cada leitura é, ou deveria ser feita de formas diferentes, pois não seria possível ler um poema da mesma maneira como se lê a Bíblia, ou até mesmo uma bula de remédio.

Da mesma maneira, percebe-se que cada indivíduo vive de forma diferente e se expressa linguisticamente de modo semelhante. Entende-se que cada indivíduo vive em sociedade, por menor que seja, desta maneira, pode-se compreender que cada discurso é feito de modo diferente de seus pares, pois cada um tem uma forma de apreender a realidade que o cerca, por isso, em cada enunciado proferido ou escrito, deixam-se marcas que

5 BENVENISTE, E. 2008, p. 79-88, apud ADAM, Jean-Michel. *A linguística textual: introdução à análise dos discursos*. São Paulo: Cortez, 2011, p. 177.

6 MAINGUENEAU, Dominique. *Doze conceitos em Análise do Discurso*. São Paulo: Parábola editorial.

irão permear seu interesse e visão sobre o seu meio, marcas estas que são subjetivas, e que para compreendê-las de forma integral necessita-se de uma investigação que possa analisar a mensagem carregada de forma implícita ou explícita em seu enunciado

Ao se fazer a leitura da carta-resposta de Mr. Miles no Caderno de Viagem do jornal *O Estado de São Paulo*, traz-se à luz ao Ethos e a subjetividade inserida em seu discurso. Considerado “O homem mais viajado do mundo”, Mr. Miles permite uma interação com seus coenunciadores por meio de um artigo jornalístico responsivo, o qual é alimentado de dúvidas e perguntas enviadas a ele, e por meio delas se faz compreender com artigos altamente culturais e educacionais respondendo desta maneira às prévias perguntas.

É de suma importância aludir o modo como o enunciador retrata a responsabilidade enunciativa finalizada como artigo jornalístico do Caderno de Viagem, pois é destinado a pessoas que se interessam pela cultura viajante. Talvez seja lida por pessoas estrangeiras, pois o enunciador utiliza expressões linguísticas da língua inglesa para criar a cenografia da viagem, aquelas que utilizamos ao se fazer uma leitura de um jornal inglês em um aeroporto, situação que acontece com frequência para os viajantes ou talvez seja para trazer o coenunciador mais perto do jornalista, utilizando expressões como “Well, my dear” (bom, minha querida), “for instance” (por exemplo), “Do you know what I mean?” (Você entende o que eu quero dizer?), “my friend” (meu amigo), “dear” (querido (a)), entre outros, que seguem abaixo⁷:

“**Well, my dear**, vamos por partes – como Jack, the Ripper. A exótica mensagem do ex-possível embaixador da Colômbia no Brasil deve ser, **for sure**, uma piada malsucedida. Mas digamos, **for instance**, que ele de fato acredite que o seu pet vá sofrer

7 (MILES. Mr. *Nem diplomacia, nem cinofilia*. Disponível em: <http://blogs.estado.com.br/viagem/nem-diplomacia-nem-cinofilia>). Carta-resposta disponível no Anexo 1.

com o ar seco de Brasília. Nesse caso, fica evidente que ele não sabe nada sobre cinofilia nem, tampouco, sobre diplomacia. Ou seja: é melhor que fique mesmo como vice-presidente, já que, na maior parte das vezes, trata-se de cargo cerimonial e sobrar-lhe-á muito tempo para pentear as melenas de seu cachorro. Quanto aos colombianos, **I presume**, o melhor que eles têm a fazer é rezar para que o presidente Juan Manuel Santos não se ausente. **Do you know what I mean?**”

Para observar melhor o emprego da responsabilidade enunciativa:

“Tem sido uma experiência maravilhosa e estou, finalmente, aprendendo a interagir nesse estranho mundo cibernético.” Neste primeiro caso, ele não assume a responsabilidade enunciativa, pois é dado o uso do discurso direto e o das aspas. Entretanto, pode-se observar outro enunciado, “Well, my dear, **vamos por partes – como Jack, the Ripper;**” No segundo, ele incorpora a fala popular do Jack the Ripper como se fosse a dele, assumindo a responsabilidade sobre esse enunciado.

Contudo, é necessário ressaltar a importância do enunciatador ao elaborar enunciados que permitem ao jornalista (enunciador 2) ter possibilidades de escolhas lexicais da língua inglesa: “do you know what I mean?”, pois como visto anteriormente, a cortesia está presente em suas falas, “well my dear”. Mr. Miles tende a eleger um vocabulário próprio para se inserir na realidade do leitor, pois ele utiliza ferramentas cordiais e apelos emocionais ao tratar o leitor pelo nome, como: “Nesse caso, dear Miriam...”, para tratar o leitor como se fosse um amigo próximo, um parente querido, ou até mesmo um membro da família.

A Cortesia

Marcas linguísticas e sua polidez

Para haver uma melhor compreensão de como o enunciatador se coloca para seus leitores, ele se assume de determinadas

formas, por vezes ao fazer uso de ferramentas lexicais e por outras utiliza da polidez para assumir uma responsabilidade enunciativa atenuadora de hierarquia, entre outros.

Cortesia, de acordo com Kerbrat-Orecchioni⁸ (2005, p. 189), é “o conjunto dos procedimentos convencionais cuja função é preservar o caráter harmonioso da relação interpessoal, em detrimento dos riscos de que implica qualquer encontro social.”

Ao pesquisar sobre a palavra cortesia, percebe-se que sua origem vem da palavra corte. No final da idade média, os membros da corte começaram a se diferenciar das demais pessoas da população em geral por adotar uma nova maneira de se comportar socialmente. Criou-se, então, um sistema de comportamento que permitia a inclusão de maneiras de portar-se em casamentos, enterros, festas em geral, e até mesmo regras para a interação social entre o sexo feminino e masculino. Surgiu assim um conjunto de regras de conduta, mais tarde denominada etiqueta social.

Entretanto, essas regras não são uniformes, pois cada sociedade (cultura) possui formas diferentes de cortesia/polidez.

Atualmente, o conceito da Cortesia é estudado de diferentes pontos de vista, por diversos estudiosos da área. Kerbrat-Orecchioni⁹ (2006, p.103) desenvolve teorias linguísticas de outros autores.

Em primeiro lugar, a proposta de Penelope Brown & Stephen C. Levinson¹⁰ (1996, p. 88).

8 KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Análise da conversação*: princípios e métodos. Tradução de Carlos Piovezan Filho. São Paulo: Parábola.

9 KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Análise da conversação*: princípios e métodos. Tradução de Carlos Piovezan Filho. São Paulo: Parábola.

10 BROWN, P. & LEVINSON, S.C. (1996). *Universals in language use: politeness phenomena*. In: GOODY, E. (Org.). *Questions and Politeness: strategies in social interaction*. Cambridge: C.U.P. (Cambridge University Press), p. 56-289) apresentam em *Politeness - Some universals in language usage* (1996) mas também noções e conceitos que Geoffrey Leech utiliza em *Principles of Pragmatics*.

Estes autores são geralmente considerados pioneiros no estudo da cortesia linguística. Este ramo da análise do discurso começou na década de 70 e, desde então, tem vindo a desenvolver-se e afirmar-se no seio dos estudos linguísticos. A cortesia está a merecer também o interesse de outras disciplinas, como a filosofia, a história e a antropologia (PERNOT¹¹, 1996, pg. 136).

A Cortesia presente nos enunciados de Mr. Miles

Os enunciados jornalísticos elaborados por Mr. Miles apresentam um quadro teórico sobre cortesia mais elaborado que se baseia nos usos específicos da linguagem como forma de preservar a harmonia da relação interpessoal com o leitor.

Mr. Miles utiliza diversas ferramentas em sua carta-resposta para incentivar a aproximação entre leitor e escritor, como por exemplo:

- Aproximação/Interação do leitor – Respostas a perguntas semanais enviadas por leitores sobre dúvidas ou questionamentos do mundo do turismo:

“**A seguir, a pergunta da semana:** Prezado Mr. Miles: ler sua coluna é sempre um prazer. Sou curiosa, portanto farei logo duas perguntas: o senhor deve ter lido sobre a recusa do vice-presidente da Colômbia ao cargo de embaixador de seu país no Brasil, alegando que o clima não é propício ao seu pastor alemão”.¹²

“O senhor também já refez itinerários devido à sua querida raposa das estepes? A segunda: eu e minha irmã ficaremos hospedadas na casa de um casal de conhecidos dela, por 18 dias, em Jerusalém. Gostaria, obviamente, de arcar com nossas despesas. Como proceder sem ser indelicada pelo excesso (seria soberba)

11 PERNOT, C., 1996: *La Politesse et sa Philosophie*. Paris: PUF)

12 (MILES. Mr. *Nem diplomacia, nem cinofilia*. Disponível em: <http://blogs.estado.com.br/viagem/nem-diplomacia-nem-cinofilia>)

ou insuficiência (mesquinhez). Grata, Miriam Aguiar, por e-mail.”¹³

- Especificação de modo de envio da pergunta, por e-mail, telefone, carta, entre outros, pois desta maneira, o enunciador (Mr. Miles) deixa clara a sua intenção de ter uma comunicação de fácil acesso:

“Prezado Mr. Miles: ler sua coluna é sempre um prazer. Sou curiosa, portanto farei logo duas perguntas: o senhor deve ter lido sobre a recusa do vice-presidente da Colômbia ao cargo de embaixador de seu país no Brasil, alegando que o clima não é propício ao seu pastor alemão. O senhor também já refez itinerários devido à sua querida raposa das estepes? A segunda: eu e minha irmã ficaremos hospedadas na casa de um casal de conhecidos dela, por 18 dias, em Jerusalém. Gostaria, obviamente, de arcar com nossas despesas. Como proceder sem ser indelicada pelo excesso (seria soberba) ou insuficiência (mesquinhez). **Grata, Miriam Aguiar, por e-mail.**”¹⁴

- Apelo afetivo – Emprego de expressões linguísticas carinhosas ao começar sua explanação, ou citação de nome próprio, como: “**Well, my dear**, vamos por partes – como Jack, the Ripper”; “Nesse caso, **dear Miriam**”;
- Busca pela atenuação de hierarquia – Explanação de dúvidas em tom de possibilidade, como: “I presume”. Mr. Miles não se coloca como “senhor da razão”, mas utiliza tais expressões para demonstrar ao leitor que ele também tem dúvidas e incertezas, assim como os seus próprios leitores. Ele assume um papel de leigo em alguns momentos, para que desta forma os leitores se identifiquem com ele;

13 (MILES. Mr. *Nem diplomacia, nem cinofilia*. Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/viagem/nem-diplomacia-nem-cinofilia>)

14 (MILES. Mr. *Nem diplomacia, nem cinofilia*. Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/viagem/nem-diplomacia-nem-cinofilia>)

- Entretanto, em outros momentos há demonstração de hierarquia – interação entre leitor e enunciador está presente na hierarquia de poder. É possível perceber no momento em que Mr. Miles é descrito em sua coluna semanal no jornal O Estado de S. Paulo como “O homem mais viajado do mundo”;
- O contexto (lugar – jornal, objetivo – informar e participantes – jornalista e leitores) em que a interação ocorre: “Prezado mr. Miles: **ler sua coluna** é sempre um prazer.”, pois, de acordo com Kerbrat-Orecchioni¹⁵ (2006, p. 33), é ele que determina o conjunto de escolhas discursivas que o falante deve efetuar: seleção dos temas e das formas de tratamento, nível de língua, atos de fala, entre outros.

No caso do enunciador, Mr. Miles, ele se permite interagir ao abrir um caminho de pergunta-e-resposta ao compartilhar suas aventuras, sua formação acadêmica e seus diários de viagens. Ele dá dicas aos turistas aventureiros, descritos em sua carta-resposta, e os incentiva a viajar e a fazer parte de sua jornada viajante. O enunciador deixa claro nesse artigo jornalístico a impregnação de sua imagem, não somente do jornalista, mas do companheiro de viagens. Ele se coloca como parceiro dos leitores e companheiro de aventura.

Considerações Finais

As análises do artigo jornalístico “Nem diplomacia, nem cinofilia” de Mr. Miles indicaram algumas diretrizes para as relações entre enunciador e leitor em um ambiente de interação. A observação de tal interação permite refletir sobre algumas dessas questões.

15 KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Análise da conversação: princípios e métodos*. Tradução de Carlos Piovezan Filho. São Paulo: Parábola.

Em primeiro lugar, destaca-se o importante papel do jornalista em não somente cumprir sua função de informar os leitores de sua coluna semanal, mas de criar uma relação com eles, de forma que há uma grande possibilidade de interação entre ambos, por meio de perguntas e respostas enviadas ao jornalista em questão.

Em segundo lugar, “Mr. Miles” é um sobrenome britânico comum, e sua imagem sugere um senhor de cinquenta a sessenta anos, trajado com roupas características da Inglaterra, como o chapéu preto, gravata fina, e o traço clássico masculino, o bigode em forma de triângulo. Toda a imagem, ao lado do sobrenome do correspondente, intensifica a criação de um ethos britânico, em plena maturidade, portanto sábio, e estrangeiro, ganhando uma confiança de realmente ser “o homem mais viajado do mundo”.

Destaca-se também a necessidade de utilização de estratégias específicas de linguagem escrita para proporcionar a motivação, socialização e presença em um ambiente que passou a se tornar de interação, procurando evitar formas que possam suscitar o distanciamento entre jornalista e leitores. Vemos também que, quando tratamos de um orador como Mr. Miles, percebe-se que o atributo da virtude é inserido como principal em suas cartas-respostas, pois no título do caderno está escrito: “O homem mais viajado do mundo”. Apenas este título é capaz de percorrer pelo caminho da prudência e benevolência, alinhando-se ao discurso do orador ao seu auditório, pois qualifica Mr. Miles a ser um expert quanto ao tema viagens, mesmo não o conhecendo. Tal título é capaz de açambarcar as virtudes necessárias que levam tal específico auditório a crer e estar seguro de que qualquer discurso ali colocado será fidedigno.

Ao tratar de sua carta-resposta semanal no jornal O Estado de S. Paulo, é possível deparar-se com uma figura muito característica de um correspondente britânico:

MR. MILES



Figura 1

Fonte: <http://www.pmeestadao.com.br/colunistas/guto>

As interações entre jornalista e seus leitores presentes nesta coluna jornalística têm especificidades que exercem influência sobre os processos de trocas verbais presentes na cortesia. O ambiente de distanciamento que um jornal oferece não é favorável para haver uma interação positiva e frequente entre ambos, entretanto, as formas de polidez presentes nos enunciados elaborados por Mr. Miles fazem com que tal distanciamento seja atenuado, permitindo trazer o leitor para bem próximo do jornalista, criando um laço afetivo por meio de expressões idiomáticas em inglês presente em seus artigos, como “my dear, dear, my friend...”.

É possível compreender que Mr. Miles utiliza discurso direto para se exigir da responsabilidade enunciativa em alguns trechos presentes em sua carta-resposta, pois anseia por criar momentos de boa interação e proximidade com seus leitores, procurando sanar suas dúvidas sobre o tema viagem.

Esta análise aponta para a importância da responsabilidade enunciativa presente nesta carta-resposta e das estratégias linguísticas utilizadas para haver uma maior interação e cordialidade com os leitores.

Bibliografia

- ADAM, Jean-Michel. **A linguística textual: introdução à análise dos discursos**. São Paulo: Cortez, 2008.
- AMOSY, Ruth. **Imagens de si no discurso. A construção do Ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.
- BROWN, P. & LEVINSON, S.C. (1996). **Universals in language use: politeness phenomena**. In: GOODY, E. (Org.). **Questions and Politeness: strategies in social interaction**. Cambridge: C.U.P. (Cambridge University Press), p. 56-289.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Análise da conversação: princípios e métodos**. Tradução de Carlos Piovezan Filho. São Paulo: Parábola, 2006.
- _____, Catherine. 2005. **Le discours en interaction**. Paris: Armand Colin.
- LEECH, G., 1996: **Principles of Pragmatics**. London / New York: Longman.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em Análise do Discurso**. São Paulo: Parábola editorial, 2010.
- MILES. Mr. **Nem diplomacia, nem cinofilia**. Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/viagem/nem-diplomacia-nem-cinofilia>. Acesso em 05 de Julho de 2014.
- PERNOT, C., 1996: **La Politesse et sa Philosophie**. Paris: PUF.
- RABATEL; A.; **Esquemas, Técnicas Argumentativas de Justificativa e Figuras do Autor (Teórico e/ou de Vulgarização)**; In: Revista de Antropologia dos Conhecimentos; n. 3505, 2010
- _____. **Prise en charge et imputation, ou la prise en charge à responsabilité limitée**. Langue Française, n. 162, p. 21, 2008 a.

ANEXO 1

Nem diplomacia, nem cinofilia*Terça-Feira 01/04/14*

De volta da Crimeia, nosso incansável viajante britânico manda agradecer aos mais de 4 mil seguidores de sua fan page no Facebook e pede aos que ainda não a visitaram que o façam com presteza. “Tem sido uma experiência maravilhosa e estou, finalmente, aprendendo a interagir nesse estranho mundo cibernético.” A seguir, a pergunta da semana:

Prezado mr. Miles: ler sua coluna é sempre um prazer. Sou curiosa, portanto farei logo duas perguntas: o senhor deve ter lido sobre a recusa do vice-presidente da Colômbia ao cargo de embaixador de seu país no Brasil, alegando que o clima não é propício ao seu pastor alemão. O senhor também já refez itinerários devido à sua querida raposa das estepes? A segunda: eu e minha irmã ficaremos hospedadas na casa de um casal de conhecidos dela, por 18 dias, em Jerusalém. Gostaria, obviamente, de arcar com nossas despesas. Como proceder sem ser indelicada pelo excesso (seria soberba) ou insuficiência (mesquinhez). Grata, Miriam Aguiar, por e-mail

“Well, my dear, vamos por partes – como Jack, the Ripper. A exótica mensagem do ex-possível embaixador da Colômbia no Brasil deve ser, for sure, uma piada malsucedida. Mas digamos, for instance, que ele de fato acredite que o seu pet vá sofrer com o ar seco de Brasília. Nesse caso, fica evidente que ele não sabe nada sobre cinofilia nem, tampouco, sobre diplomacia. Ou seja: é melhor que fique mesmo como vice-presidente, já que, na maior parte das vezes, trata-se de cargo cerimonial e sobrar-lhe-á muito tempo para pentear as melenas de seu cachorro. Quanto aos colombianos, I presume, o melhor que eles têm a fazer é rezar para que o presidente Juan Manuel Santos não se ausente. Do you know what I mean?

Sobre Trashie, minha querida raposa das estepes siberianas, houve uma única vez em que fui obrigado a alterar meus planos. As you know, Trashie alimenta-se exclusivamente de whiskies com mais de 12 anos ou single malts de qualquer idade – o que a torna muito sociável e, sometimes, muito dispendiosa. Certa ocasião, quando viajamos para as Ilhas Maldivas, um arquipélago muçulmano, tivemos nosso estoque de bebidas apreendido no aeroporto de Malé.

Fiquei impressionado com a intolerância das Maldivas em relação ao álcool e pensei em seguir adiante, rumo às Seychelles, imediatamente. Fui esclarecido, however, que os hotéis situados nas ilhas do arquipélago vendem bebidas alcoólicas sem restrições. Assim, dirigi-me ao hotel gerenciado por um velho amigo, disposto a pagar pelas doses necessárias à dieta de Trashie. Qual o quê! As bebidas, já que proibidas no país, eram vendidas no bar do hotel a preço de ouro! E como minha mascote não aceita meias medidas – e meu bolso, by the way, não tolera preços aviltados –, decidimos nos retirar no dia seguinte. A boa notícia é que as garrafas de Trashie foram devolvidas antes do embarque.

Quanto à outra questão, a pergunta me parece incompleta. Se você e sua irmã vão hospedar-se na casa de ‘conhecidos’ dela sem que a anfitriã tenha definido um preço prévio, presumo que se trata, in fact, de uma boa amiga. Conhecidos não abrem suas casas para conhecidos, até porque, curiosamente, conhecidos, usually, não se conhecem – apenas sabem de quem se trata.

Nesse caso, *dear Miriam*, as boas maneiras indicam que, durante a estada, será muito simpático se você trouxer, diariamente, mimos como doces, vinhos ou frutas. E, claro, não se esqueça de levar, do Brasil, uma bonita lembrança para sua anfitriã. Pode ser qualquer coisa durável que marque a sua passagem pelo lugar. Menos, of course, um berimbau, que é quase tão incômodo de carregar quanto um sombrero mexicano.”

Mr. Miles é o homem mais viajado do mundo. Ele esteve em 183 países e 16 territórios ultramarinos.